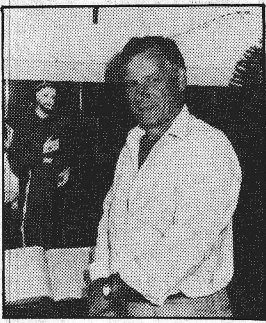


A arquitetura arrojada da Igrejinha de Fátima, na 307/308 Sul, e tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, está com o seu teto repleto de infiltrações, e coloca em risco as suas instalações

Infiltrações estão ameaçando a Igrejinha

Socorro Ramalho

O primeiro templo religioso de Brasília, a Igreja Nossa Senhora de Fátima (Igrejinha), localizada na 307/308 Sul, além de ser alvo constante da invasão de vândalos e bêbados, está repleta de infiltrações, que estão colocando em risco toda a instalação elétrica da igreja, e a vida dos fiéis, segundo alerta do pároco responsável, frei Venildo Trevisan (foto). Tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional em abril de 1982, foi também nessa data que a Igrejinha de Fátima passou pela última restauração de que tem conhecimento o diretor do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF (Depha), Silvio Cavalcante.



A situação da Igrejinha, conforme frei Venildo, tem se agravado nos últimos meses com as constantes chuvas que caem na cidade e para assistir a uma missa no local o pároco conta que sempre adverte os fiéis para que fiquem de olho no teto. Ultimamente o projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer também comporta inúmeros baldes, que, se não fazem parte da capelinha de linhas ousadas e modernas, são indispensáveis para que os fiéis continuem a frequentá-la.

O perigo de ocorrer um curto-circuito, provocado pelas goteiras que inundam a fiação elétrica, segundo explicações de frei Venildo Trevisan, é também uma ameaça para o povo. “É triste saber que um ambiente digno dos que procuram um lugar para orar tenha se tornado tão perigoso”, lamenta.

Segurança — Assaltada inúmeras vezes, como ocorreu no final de 1990, quando os ladrões levaram um amplificador e um aparelho de transmissão, na época, no valor de Cr\$ 100 mil, a Igrejinha continua sendo um alvo fácil dos ladrões. Ultimamente, contou frei Venildo, foi roubado um aparelho de som. A secretária da paróquia, Neuza Maciel da Costa Barros, afirma que já perdeu as contas do número de vezes em que foi agredida pelos bêbados, os quais, segundo ela, à noite, se acomodam nos jardins da igreja e até forçam a entrada.

“Eles danificam as grades de proteção dos jardins e entram para dormir no local. O nosso crematório de velas está totalmente destruído”, desabafou Neuza. O pároco responsável diz que um guarda no lugar amenizaria muito a situação. Quanto às infiltrações e demais restaurações, justifica que já enviou um ofício ao órgão responsável pelo tombamento da Igrejinha, o Depha, mas que houve a alegação de falta de verbas para efetuar os reparos.

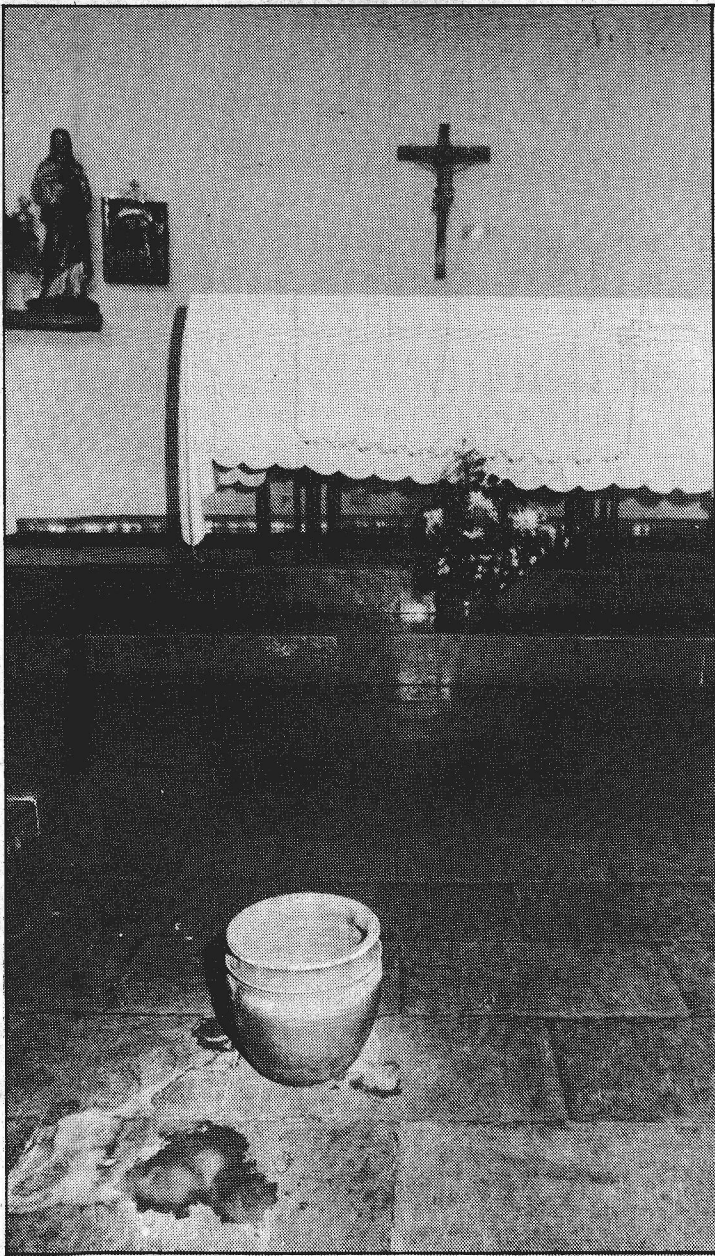
Conforme justificou o diretor do Depha, Silvio Cavalcante, falta chegar às suas mãos um comunicado oficial de frei Venildo, para que seja encaminhado às autoridades competentes o pedido de verbas. “O problema da infiltração é apenas uma questão de licitar as obras e também já temos estudos sobre o local para construirmos um novo crematório de velas. Estamos avaliando a situação, mas aguardamos um comunicado oficial. Quanto à parte de segurança, essa não nos foi solicitada”, explicou o diretor do Depha.

Silvio Cavalcante esclareceu ainda que há interesse da entidade em promover a restauração da Igrejinha, mas justificou que “há a previsão orçamentária, mas na prática não existem recursos financeiros liberados, já que as liberações estão sendo muito contidas”. Acrescentou também que a lei de incentivo fiscal à cultura só agora está sendo regulamentada pelo conselho de Cultura e “só depois disto poderemos tentar sensibilizar os empresários da cidade”.

Estragos — Projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, no final de 1957, com projeto paisagístico de Burtel Marx, a Igrejinha, construída em cem dias, após o anúncio de sua maquete, apesar das goteiras ainda é uma atração para os inúmeros turistas que diariamente a visitam, sem imaginar que a edificação plantada numa área triangular, com um formato que lembra um chapéu de freira, tem urgência de uma restauração para a qual não há verba disponível, de acordo com informações da chefe de Divisão Técnica da 14ª Coordenadoria Regional do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), Célia Corsino.

Este órgão estadual é quem dá o parecer final sobre qualquer restauração em obras tombadas pelo Patrimônio Histórico Nacional na região Centro-Oeste. Segundo Célia Corsino, nenhuma solicitação de restauração da igreja chegou ao IBPC, mas antecipa que “não há verba”. Esclarece também que em casos de restauração de obras tombadas todos os projetos devem ser avaliados pelo IBPC, mas no caso da Igrejinha, apesar de não haver recursos, coloca à disposição de frei Venildo os técnicos para elaborarem um projeto de restauração. “Qualquer inovação dentro de uma área tombada pelo Decreto-lei 25 tem que passar pela aprovação do IBPC”, afirma Célia Corsino.

Mesmo com os bancos manchados pelas goteiras, carência de uma pintura — em outras épocas providenciada pela comunidade local —, necessidade de reforço nas portas de madeiras — danificadas pelos que tentam entrar na capela —, além do reparo nas infiltrações, a Igrejinha de Fátima, um dos maiores símbolos da arquitetura brasileira, vai ter que esperar. Até quando, só Deus sabe.



Os baldes passaram a compor o cenário e a situação tem se agravado com as constantes chuvas que caem na cidade

Ex-primeira-dama foi sua idealizadora

A Igrejinha de Fátima, como ficou carinhosamente conhecida, foi construída por iniciativa de dona Sarah Kubitschek, esposa do então presidente Juscelino, em gratidão por uma graça alcançada por intermédio de uma promessa feita à Virgem de Fátima em favor de sua filha Márcia. As obras foram concluídas em 1958, mas dois anos antes Márcia Kubitschek, hoje vice-governadora do DF, estivera doente e até fora à Europa em busca de tratamento, obtendo a cura em seguida à promessa feita por D. Sarah.

A inauguração da Capela, como foi denominada a princípio, foi inicialmente programada para o dia 3 de maio, no desejo de que coincidisse com a data da primeira missa celebrada em Brasília, um ano antes, no Cruzeiro. Em seguida foi transferida para o dia 13 de maio e, finalmente, oficializada para o dia 28 de junho de 1958.

As portas da Igrejinha foram idealizadas por Athos Bulcão e também os azulejos, especialmente concebidos nas cores azul e branca. Entretanto, com os azulejos carecendo de uma lavagem e as portas, de reparos, a querida Igrejinha dos brasilienses, que todos os domingos chega aos lares da comunidade através da transmissão pela tevê da “Santa Missa em Seu Lar”, o frei Venildo agora pede aos câmeras que façam de tudo para não focalizar as partes danificadas.

Estrutura — Pequena e com poucos bancos, que no momento dividem espaço com as goteiras, a Igrejinha, segundo frei Venildo, recebe, aos domingos, mais de cem fiéis, obrigados a ficar do lado de fora. O primeiro templo de alvenaria do DF motivou um fato inédito numa cidade onde não há ruas e sim entrequadras: a quadra a sua frente é carinhosamente conhecida como a “Rua da Igrejinha”.

“Olhe para o teto antes de ocupar um lugar”, essa é a advertência bem-humorada que frei Venildo Trevisan, que há sete anos é pároco responsável pela Igrejinha, faz aos fiéis antes que eles se acomodem nos assentos. Frei Venildo também lamenta que “uma igreja tão importante para a cidade, que recebe pessoas ilustres, frequentada inclusive por sua idealizadora, D. Sarah Kubitschek, esteja hoje nestas condições. “Fico preocupado porque chegam diariamente vários estrangeiros na igreja. Eles filmam dentro e fora, tiram fotografias de tudo como está”, conta frei Venildo.

Mas não é à toa que os freis também conquistam o carinho da comunidade local. Com o tempo a Igrejinha caiu no gosto e na crença do brasiliense frei Demétrio, o primeiro, depois frei Domingos e, por último, frei Venildo, compartilham desse carinho comunitário.